

Ser mulher batista

Bianca Daéb's Seixas Almeida

Mestre em História, UFBA. Professora da Faculdade Batista Brasileira.

E-mail: biancadaebs@yahoo.com.br

Resumo

Busca, neste artigo, compreender o ideal de mulher que serviu como norte para a formação das mulheres batista no Brasil e em Salvador, de modo particular, nas décadas de 30 a 60, do Século XX. Com este objetivo, estaremos trabalhando com as informações do *Manual da União Missionária das Senhoras Batistas do Brasil* e matérias do *Jornal Batista* no mesmo período que sempre trazia em suas matérias aspectos doutrinários e éticos sobre o cotidiano das mulheres batista.

Palavras-chave: Teologia. Mulher batista. Missionária. História. Brasil.

On being a baptist woman

Abstract

This article seeks to understand the idealized standard used in the education of Baptist women in Brazil and particularly in Salvador from the 1930's through the 1960's. Toward this objective we will focus on information from the Manual of the Missionary Union of Baptist Ladies of Brazil, as well as materials from the Baptist Journal, which always included something about the doctrinal and ethical aspects of the daily life of Baptist women.

Key words: *Theology. Baptist woman. Missionary. History. Brazil.*

INTRODUÇÃO

Neste artigo, buscaremos compreender o que significa para os Batistas Brasileiros “Ser Mulher Batista.” Neste intuito, iniciaremos resgatando o nascimento das organizações femininas na denominação batista, lembrando em alguns tópicos, a trajetória do surgimento até o momento em que se estabelece uma rede estadual e nacional de mulheres batistas. Nesta etapa, passaremos obrigatoriamente ao momento em que são criados e publicados dois

opúsculos que continham os objetivos, os compromissos e as estratégias para que fosse alcançado o ideal da União Missionária das Senhoras Batistas do Brasil.

O Ideal consistia em ir por todo mundo, pregando o Evangelho e fazendo discípulos e discípulas, ou seja, “fazer missões”. Os dois opúsculos transformaram-se depois em um manual que, além de conter detalhado os processos de implantação da União Missionária de Senhoras Batistas Brasileira (UMSBB) e suas organizações “filhas” na Igreja local, é também onde estão exposto os elementos ideológicos e doutrinários que iriam forjar o perfil das mulheres que compõe a denominação batista brasileira e que tomam assento dentro das organizações que fazem parte da UMSBB. Assim, o manual torna-se peça chave no nosso processo de investigação. Ele nos diz qual o ideal da mulher batista brasileira, que é fazer missões, e traz em suas entrelinhas o perfil de mulher apta para o exercício missionário. E como, “fazer missões” é uma ordenança que vale para todas, e todo o perfil de mulher desenhado no *Manual da União Missionária de Senhoras Batistas do Brasil* era válido para toda aquela que era, ou desejava ser uma mulher batista.

A formação das mulheres batistas tem sustentação em dois pilares: um espiritual, outro moral e social. O primeiro consiste em cumprir a ordenança bíblica da pregação do Evangelho:

Jesus, aproximando-se, falou-lhes, dizendo: Toda autoridade me foi dada no céu e na terra. Ide, portanto, fazei discípulos de todas as nações, batizando-os em nome do Pai, e do Filho, e do Espírito Santo; ensinando-os a guardar todas as coisas que vos tenho ordenado. Eis que estou convosco até a consumação dos séculos. (Mateus 28,18-20).

Este texto é conhecido como “a grande comissão”, que é convocada por Jesus Cristo, conforme citação do Evangelho de São Marcos, e nisto consiste a pedra angular do processo de formação das mulheres batistas, cujo objetivo é preparar meninas, moças e mulheres para serem missionárias onde quer que estejam e para onde quer que sejam enviadas. Em qualquer função que desempenhe, sobretudo quando cumpre sua função de mãe, filha ou esposa. Ou quando assume a educação de outras mulheres nas organizações eclesiais filiadas a União Missionária das Senhoras Batistas do Brasil.

Uma rede nacional de mulheres batistas

O estabelecimento de uma rede organizada e liderada por mulheres batistas no Brasil só foi possível depois que já existiam algumas sociedades de senhoras organizadas em

comunidades espalhadas pelo país, a primeira sociedade de senhoras organizada oficialmente no Brasil, segundo o Manual (1981, p. 53), foi em 1889, na Primeira Igreja Batista do Rio de Janeiro, sendo fundada e presidida pela Senhora Ana Bagby.

Em 1902, foi organizada a “Sociedade Auxiliadora de Irmãs da Igreja Batista da Bahia”, com o fim de auxiliar o trabalho da mesma Igreja, com uma diretoria composta por cinco mulheres ocupando os cargos de Presidente, Vice-Presidente, Secretária e Tesoureira. Na Presidência, estava a Missionária Amélia Joyce, missionária batista de origem inglesa que trabalhou na Bahia como professora do Colégio T. Egydio e que teve uma atuação significativa entre as mulheres batistas. Suas principais atividades eram reuniões especiais de louvor e estudos bíblicos (SILVA, 1995, p. 314-315).

A partir de 1910, a união feminina passou a ter um lugar específico na aliança batista da Bahia, organizando e deliberando sobre os trabalhos femininos da denominação *Batista Baiana*. Conforme noticiou o *Batista Baiano*, em 1924.

As mulheres reuniram-se mais uma vez Juntamente com a Convenção das Igrejas Baptista em Caldeirão, estiveram reunidas em solene concílio as Sociedades de Senhoras Auxiliadoras, comparecendo ao mesmo representantes de onze sociedades, que com todo ardor e entusiasmo trataram dos interesses vitais das nossas sociedades, procurando imprimir em todas elas um desejo ardente de bem servir a causa sacrosanta do Evangelho..muitas resoluções boas foram tomadas para garantir o eficiente trabalho em nosso Estado. (BATISTA, 1924).

A missionária Kite White liderava o trabalho cooperativo entre as mulheres enquanto seu marido, o Rev. M. G. White era responsável por todo o campo batista no Estado. Mantinha-se a divisão sexual do trabalho denominacional onde os missionários evangelizavam os homens e as missionárias as mulheres e crianças.

Acreditando na necessidade de manter as mulheres batistas unidas através de uma rede nacional, que propiciaria uma maior e melhor organização das sociedades já existentes desde 1889, e com o objetivo de incentivar a formação de novas sociedades, em cada nova congregação que surgisse com o trabalho missionário entre os batistas, é que, em 1907, a senhora Emma Ginsburg, apresenta, na Convenção Batista Brasileira, um projeto reunindo todas as sociedades de senhoras numa organização de âmbito nacional. Nasce, então, em 23 de junho de 1908, composta de 20 sociedades de senhoras e 5 sociedades de crianças, a União Geral de Sociedade de Senhoras, que, na convenção de 1910, quando ocorre a aprovação do

estatuto da organização, passa a chamar-se de União Geral das Sociedades de Senhoras - Auxiliar da Convenção Batista Brasileira.

Com o aumento da formação e filiação de novas sociedades de senhoras entre os batistas, espalhadas pelo Brasil, a União Geral das Sociedades de Senhoras - Auxiliar da Convenção Batista Brasileira, percebeu a necessidade de criar um material que orientasse as mulheres, no processo de implantação da sociedade de senhoras nas novas congregações, e que as mantivessem unidas do ponto de vista ideológico e doutrinário. Ante esta constatação, surge, em 1914, dois opúsculos em nível de manual.

Em 1919, o nome da União Geral das Sociedades de Senhoras (UGSB) - Auxiliar da Convenção Batista Brasileira muda para “Junta de Trabalho das Senhoras”. Com o objetivo de poderem convocar uma reunião de senhoras, separadamente, em Assembléia Geral Auxiliar à Convenção Nacional, em 1922, é solicitado à Convenção Batista Brasileira o desmembramento da “Junta de Trabalho de Senhoras”, que passam a adotar o nome de “União Geral de Senhoras do Brasil - Auxiliar da Convenção Batista Brasileira”. No mesmo ano, é publicada o primeiro número do periódico intitulado *Revista para o Trabalho de Senhoras Batistas*, contendo programas mensais para a sociedade de senhora, sociedade de moças e crianças (MANUAL, 1981, p. 53).

O *Manual da União Geral de Senhoras do Brasil* foi publicado em 1924, contendo os dois opúsculos que já orientavam as sociedades.

O *Anuário da União Geral de Senhoras do Brasil* foi publicado em 1938, data da comemoração do trigésimo aniversário da organização. Nesta ocasião, fica decidido que o dia 23 de junho, dia em que foi organizada a UGSB, seria o dia dedicado à educação feminina e as ofertas orçadas nesse dia, seriam destinadas a formação de missionárias, na escola de obreiras, o Seminário de Educadoras Cristã (SEC).

O Jubileu de Ouro é comemorado em 1958, ano em que a União Geral de Senhoras do Brasil torna-se pessoa jurídica, contando 2.000 organizações e 40.000 sócias. Nessa mesma época, é autorizada, pela assembléia da UGSB, que a Escola de Trabalhadoras Cristãs mude seu nome para “Seminário de Educadoras Cristãs” (SEC) que se torna um dos maiores centro de formação missionária para mulheres batistas no Brasil.

No ano de 1963, com a reforma do estatuto, o nome da União Geral de Senhoras do Brasil é mudado para “União Feminina Missionária Batista do Brasil” (UFMBB), incorporando ao nome, o lema da organização, que é Missões.

Segundo nos indica o *Manual da União Feminina Missionária Batista Brasileira*, o propósito do programa de trabalho da UFMBB é:

Ajudar a Igreja a estender o reino de Cristo até o fim do mundo. A UFMBB faz isto através de um programa que objetiva estudar missões, contribuir para missões, preparar vidas para obras missionárias e levar todos membros, em toda faixa etária, a uma participação pessoal na obra missionária. É com esse intuito que as igrejas locais lançam mão do manual na hora de organizarem sua união feminina missionária. (MANUAL, 1981, p. 12).

Com base nas orientações do Manual, constroi-se uma rede local onde a Sociedade Feminina Missionária é considerada a sociedade mãe, e as outras organizações filhas; à sociedade mãe, cabe a responsabilidade de cuidar das outras, isto é, nomear as responsáveis pelos departamentos de educação infantil, acompanhar o trabalho nas organizações missionária como “Mensageiras do Rei e Sociedade de Moças”, orientar nas campanhas de missões e na promoção de sociabilidades e campanhas filantrópicas, sempre tendo em vista uma eficiente organização missionária para cada faixa etária.

A União Feminina Missionária Batista da Igreja local é a entidade responsável pela educação missionária de crianças, meninas, mocinhas, moças e senhoras, dentro de suas respectivas organizações, conforme segue: (1) Sociedade Feminina Missionária- senhoras e moça da Igreja sem discriminação de idade ou estado civil. (2) Sociedade de Moças- moças de 16 a 35 de idade. (3) Mensageiras do Rei 7-15. (4) Sociedade de Crianças - crianças de 4 a 8 anos de idade.

Como é possível observar, a determinação missionária não é sem motivo, é o elemento chave sob o qual se move as mulheres batistas. Ao se unirem em torno deste objetivo comum, elas criam a maior e mais bem articulada organização entre os batistas no Brasil. Em suas redes, mulheres educam outras mulheres de modo organizado e estruturado, se preocupam com a formação do berço até a maturidade. Ensinam o amor por missões, preparam as mulheres que saem para “servir” em outros lugares, enviando-as aos centros de formações missionária para mulheres e depois sustentado-as em seus campos missionários, através de sua rede.

Toda essa organização e articulação entre as mulheres batistas, no Brasil, nos faz lembrar Saffiote (1992, p. 185) quando ressalta que as relações de dominação e exploração não são configuradas em meios há um patriarcado absoluto e segue argumentando, que em toda sociedade conhecida a mulher detém parcelas de poder, que lhes permitem meter cunhas nos espaços de supremacia masculina e, assim, cavar, gerar espaços nos interstícios da falocracia. Desse modo, diz ela, cria-se uma tensão, como a sugerida por Hegel (2000) na dialética do senhor e do escravo, onde homem e mulher jogam cada um com seus poderes; o primeiro, para preservar sua supremacia e a segunda, para tornar menos incompleta sua

cidadania e conseqüentemente promover a aplicação e modificação da estrutura do campo de poder.

Sem dúvida, é impossível ignorar a participação destas mulheres na expansão do trabalho protestante, e neste caso especificamente dos batistas, no Brasil, maioria nas Igrejas batistas são também maioria nas assembléias, portanto, têm, teoricamente, maior participação nas decisões administrativa e eclesiástica. Embora não possam ocupar cargos como o de reverendas e diaconisas, ocupam a maioria dos cargos eclesiásticos, são formadoras de opinião, por estarem diretamente ligadas aos processos de formação doutrinária de crianças, jovens e adolescentes e de outras mulheres. De modo que, sem o apoio delas é impossível o exercício do pastorado na Igreja.

O que acontece então, para que as mulheres batistas no Brasil, maioria em suas Igrejas e dispendo de ferramentas eclesiásticas que lhes possibilitem uma relação cristã mais justa como a proposta por Paulo aos Gálatas “Destarte, não pode haver judeu nem grego; nem escravo nem liberto; nem homem nem mulher; porque todos vós sois um em Cristo Jesus.” (Gl. 3:28), onde a igualdade de condições entre homens e mulheres sejam de fato e de direito, aceitem com naturalidade a subserviência institucionalizada na denominação batista?

Essa é uma pergunta que pode sugerir muitas respostas; nós, porém, vamos buscar a nossa resposta na proposta destas mulheres em seu manual e em artigos do *Jornal Batista* que era de circulação nacional, e que sempre trazia, em suas matérias, aspectos doutrinários e éticos sobre o cotidiano das mulheres batistas. No quinto capítulo, estaremos refletindo de modo mais demorado a questão do sacerdócio feminino entre os batistas brasileiros e soteropolitanos.

Voltemos nosso olhar para o texto do Manual, que já nos informou qual o ideal e a quem se destina a União Feminina Missionária Batista, da Igreja Local; agora vamos ver o que nos diz sobre os objetivos da organização que são: “1. Ensinar missões. 2. Orar por missões. 3. Contribuir para missões. 4. Promover ação missionária. 5. Promover orientação quanto a problemas específicos ao elemento feminino. 6. Promover informação a respeito do trabalho e da denominação”, segundo o Manual (1981, p. 20).

É interessante observar que, com exceção do quinto objetivo, todos os outros estão diretamente ligado ao ideal missionário que é o ponto de convergência entre as mulheres batistas. Contudo, suspeitamos que no quinto objetivo, de fato, começa a se delinear não mais o ideal das mulheres batistas, mas a mulher batista ideal. Ou seja, Ele começa a apontar para as características necessárias a uma mulher cristã batista. Desse modo, detalhamos a fim de examinar, o quinto objetivo da União Feminina Missionária Batista do Brasil:

A UFMB da igreja goza, devido a sua natureza, de certos privilégios em lidar com as crianças, meninas, moças e senhoras. Razão por que se preocupa em dar as sócias orientação para o seu viver. Por exemplo: problemas pessoais, namoro, casamento, criação de filhos, fortalecimento do lar cristão, e outros. (MANUAL, 1981, p. 15).

O quinto objetivo diz que cabe a UFMB orientar as meninas, mocinhas, moças e mulheres quanto a problemas específico do elemento feminino e cita os exemplos, deixando claro a idéia de que para ser uma boa cristã batista a mulher não pode prescindir da tarefa de ser esposa, mãe e filha. Talvez, essa idéia de que é “natural” do “elemento” feminino tais condições e que sem elas sua dignidade estaria seriamente comprometida, se torne mais clara, ao passo que aliado a este objetivo, expormos alguns textos que encontramos no Jornal Batista, especificamente na coluna da UFMB.

O pilar moral e social da formação da Mulher Batista ideal

Na matéria intitulada “Sociedades de Moças: para que?” em que a articulista Esther Silva Dias (1954) mostra a relevância de se organizar a Sociedade de Moças, nas Igrejas locais, argumenta que:

1. Primeiramente procura a sociedade a desenvolver as suas sócias espiritualmente, [...]. O mundo hoje carece de pessoas de caráter cristão sólido. Sabendo-se que está reservado às jovens um papel de suma importância no futuro da humanidade, porque, conforme diz o poeta ‘A mão que embala o berço governa o mundo’, é de se esperar que elas tenham uma vida espiritual ativa, pois só assim poderão desempenhar a missão que lhes está reservada. É justo, portanto, que a sociedade cuide em primeiro lugar do aprimoramento espiritual das jovens. 2. Em segundo lugar [...] As sócias formam na sociedade o hábito da difusão da Palavra de Deus por meio da distribuição de Bíblias, Novos Testamentos, Evangelhos, folhetos, etc. Ainda neste campo a sociedade procura despertar e incentivar os seus membros para o trabalho de visitas, tendo como alvo os enfermos do físico ou do espírito, levando-os palavras de conforto e despertamento. Este é um trabalho para o qual a mulher foi privilegiada por Deus para realizá-lo e ninguém melhor do que ela, dotada de coragem, simpatia, espírito de sacrifício, poderia fazê-lo. (DIAS, 1954, p. 5).

Aqui, encontramos o segundo pilar da formação das mulheres batistas, o pilar moral e social. Embora, a ênfase desses trechos seja o espiritual, parece-nos que serve muito bem para designar e legitimar o lugar social a ser ocupado pela mulher. “A mão que embala o berço governa o mundo”, mais uma vez a questão espiritual está diretamente relacionada a uma moral que será a base da educação dos filhos e uma espécie de sustentação do lar. A Igreja faz a leitura espiritual, nos mesmos moldes que a sociedade faz do social, ou seja, tornando o que

é cultural, natural. É preciso que tenhamos mulheres inteligentes, instruídas, espiritualmente forte, moralmente ilibadas, belas e asseadas, pois, delas dependem o futuro dos filhos, do marido, conseqüentemente do lar, e do mundo.

Nesta perspectiva educa-se a mulher mais uma vez para servir, uma espécie de *Servum Arbitrium*, como sugerido por Lutero (DREHER, 1999, p. 25). A idéia é a seguinte: você é tão livre que pode escolher servir. A rigor, essa idéia seria aplicada apenas na relação com Deus; na prática, se aplica ao “natural espírito de servidão voluntária”, próprio da “natureza feminina”, como sugere o artigo supracitado. “Este é um trabalho para o qual a mulher foi privilegiada por Deus para realizá-lo e ninguém melhor do que ela, dotada de coragem, simpatia, espírito de sacrifício, poderia fazê-lo.” (DIAS, 1954, p. 5).

Guacira Lopes Louro (2000), em seu texto *Mulheres na Sala de Aula*, no momento em que fala das concepções e formas de educação das mulheres, em fins do século XIX e início do século XX, argumenta que:

[...] para muitos não havia por que mobiliar a cabeça da mulher com informações ou conhecimentos já que seu destino primordial como esposa e mãe exigiria, acima de tudo, uma moral sólida e bons princípios. Ela precisa ser, em primeiro lugar a mãe virtuosa, o pilar de sustentação do lar, a educadora das gerações do futuro. A educação da mulher seria feita por tanto para além dela, já que sua justificativa não se encontra em seus próprios anseios ou necessidades, mas em sua função social de educadora dos filhos, ou na função formadora dos futuros cidadãos. (LOURO, 2000, p. 446).

De acordo com o texto supracitado, não só a Igreja buscava um perfil de mulher que encontramos em alguns artigos do *Jornal Batista*, mas a sociedade de um modo mais amplo suspirava por esse modelo de mulher cuja maternidade é intrínseca à sua natureza. A parceria entre Igreja e Estado é mais uma vez presente, como vamos observar nos textos a seguir. O ideal de mulher cristã dos batistas é extremamente próximo do modelo de mulher desejado pelo Estado; uma mulher capaz de renunciar aos seus anseios e desejos, em prol de gerar filhos, criá-los, educá-los e oferecê-los ao Estado, como mão-de-obra qualificada e barata, pronto para servir a pátria como quem serve a Deus. De fato, não é estranho, que no que tange ao perfil de mulher ideal, a “espiritualidade” da Igreja e o pragmatismo do Estado estejam intimamente associados.

Mãe

A mulher nasceu para ser mãe, e tudo nela, até a inteligência, a subordina a essa função e está sujeita às suas contingências – Júlio Dantas.

A mulher governa o mundo. Para os pais, a melhor coroa de louros é uma boa filha; para o homem o melhor tesouro é uma boa esposa; para os filhos a melhor glória é uma boa mãe. Filha, esposa ou mãe é sempre a estrela polar que nos guia no mar da vida – Berrutti.

A grande, a elevada, a importante função da mulher na sociedade humana não é ser telegrafista, ou ser bancária, ou ser jornalista, ou ser doutora: é ser mãe e ser esposa – Ramalho Ortigão. (JORNAL, 1954, p. 5)

Este artigo pretende exaltar a importância da mulher na sociedade; pretende dizer que sua função de mãe, esposa e filha é condição sem a qual a estabilidade social seria impossível. Ao fazer isto, reforça-se a idéia de que a mulher é sempre “meio” nunca o fim de suas realizações. Sua dignidade está condicionada ao cumprimento do papel designado por uma sociedade patriarcal e androcêntrica, que encontra no discurso oficial da Igreja a legitimação da maternidade como redenção pela transgressão de ter encontrado, na vida, melhor sentido que no paraíso. Por isso, renunciar a maternidade constitui-se num pecado caviloso, pois, em última instância, as mulheres estão contrariando a Deus, que a criou para este fim e a Ele acrescentou a redenção da culpa conforme está escrito na epístola de Paulo a Timóteo. “E Adão não foi enganado, mas a mulher, sendo enganada, caiu em transgressão. Salvar-se-á, porém, dando à luz filhos, se permanecer com modéstia na fé, no amor e na santificação (Tm, 2:14-15).

Nestes versos, parece que quanto maior o elogio menor é a dignidade das mulheres, como se não bastasse um imperativo em que todas as mulheres nascem para ser mães, esposas e filhas; no último verso, essas condições inerentes ao “ser da mulher”, entram em choque com o fato de que possam ter uma profissão e com o exercício de sua intelectualidade, elas não nasceram para isto, pois a grande e elevada função da mulher, na sociedade humana, não é outra se não ser mãe e esposa.

Já, nas últimas décadas do século XIX, é possível perceber uma discussão sobre a necessidade de educação para a mulher, mas segundo Louro (2000), essa educação está vinculada aos processos de higienização da família e a construção da cidadania dos jovens. É clara a preocupação de afastar do conceito de trabalho toda a carga de degradação que lhe era associada por causa da escravidão e em vinculá-lo à ordem e ao progresso; isto levou os condutores da sociedade a arremeter as mulheres das camadas populares. Elas deveriam ser diligentes, honestas, ordeiras, asseadas; a elas caberiam controlar seus homens e formar os novos trabalhadores e trabalhadoras do País; àquelas que seriam a mãe dos líderes também se atribuíam a tarefa de orientação dos filhos e filhas e a manutenção de um lar afastado dos distúrbios e perturbações do mundo exterior.

A moral cristã está posta como a referência moral da sociedade ocidental; decorre, daí, que para muitos, a educação feminina não poderia ser concebida sem uma sólida formação cristã; esta seria a chave principal de qualquer projeto educativo. Ainda que a República formalizasse a separação da Igreja Católica do Estado, permaneceria como dominante, inclusive, para as denominações protestantes, no Brasil, a moral religiosa, que apontava para as mulheres a dicotomia entre Eva e Maria. A escolha entre esses dois modelos representava, na verdade, uma não escolha, pois se esperava que as meninas e jovens construíssem suas vidas pela imagem da pureza da Virgem. Através do símbolo mariano, se apelava tanto para a sagrada missão da maternidade quanto para a manutenção da pureza feminina. Esse ideal feminino implicava o recato e o pudor, a busca constante de uma perfeição moral, a aceitação de sacrifícios, a ação educadora de filhos e filhas.

O ideal de Pureza

Além de esposas, filhas e mães diligentes e de espírito abnegado, as mulheres batistas incorporam o elemento da “pureza” como objetivo ético a ser alcançado e mantido. A pureza não está realacionada apenas à virgindade, mas também à singeleza de coração, “Cria em mim, ó Deus, um coração puro, e renova em mim um espírito reto!” (SALMO: 51,10) a pureza não só de atos, mas também de pensamentos e intensões. O ideal de pureza não é apenas uma questão ética, mas também estética. A pureza tem cor, é branca.

Cada organização que fazia parte da União Feminina Missionária do Brasil tinha divisa [texto bíblico], hino e emblema, e cores que a caracterizava: as da Sociedade Feminina Missionária são lilás e branco, simbolizando humildade e pureza. Para a Sociedade de Moças, a cor verde e o branco. O verde significa esperança em Cristo, e o branco, pureza. E as Mensageiras do Rei as cores verde, amarelo e branco que simbolizam crescimento espiritual, sinceridade e pureza, respectivamente. É possível perceber que em todas as representações o ideal de pureza está presente, representado pela cor branca. Manter-se pura faz parte do ideal das mulheres batistas (MANUAL, 1981, p. 16-27).

O pacto que faziam as meninas de 08 a 15 anos que entravam para fazerem parte das Mensageiras do Rei e o compromisso das moças ao entrarem na Sociedade de Moças de suas comunidades, nos traz uma perspectiva mais clara da relação estabelecida entre a pureza e a estética da mulher cristã:

Pacto das Mensageiras

Reconhecendo as necessidades do mundo perdido nas trevas do pecado e desejando atender os mandamentos do mestre prometo esforçar-me para: ser fiel ao serviço de Cristo, cooperando com as atividades da Igreja e da denominação. Contribuir e orar pelo trabalho de missão no Brasil e no mundo. Lutar por conservar a mente pura, o corpo limpo pronto para o serviço. Falar sempre a verdade e não tomar o nome de Deus em vão. Reconhecer e corrigir meus erros. Só assim crescerei espiritualmente na presença do meu Rei. (MANUAL, 1981, p. 23).

Compromisso das Moças

Em leal devoção a Cristo, prometo:

Orar com fé e visão; Ler cuidadosamente a bíblia; observar cristãmente o domingo. Estudar a respeito do trabalho de Deus no mundo. Assumir a minha responsabilidade de apresentar o evangelho as pessoas com as quais tenho contato no meu lar, na minha vizinhança, no meu país e até os confins da terra; Dar o meu tempo, bens e talentos, a fim de fazer Cristo conhecido por todos os povos. Manter minha aparência pessoal, meus atos e palavras, de tal maneira que testemunhem a pureza e a beleza do viver cristão. (MANUAL, 1981, p. 25) .

“Lutar por conservar a mente pura, o corpo limpo pronto para o serviço. Falar sempre a verdade e não tomar o nome de Deus em vão.”(MANUAL, 1981, p. 23). “Manter minha aparência pessoal, meus atos e palavras, de tal maneira que testemunhem a pureza e a beleza do viver cristão.” (MANUAL, 1985, p. 25). Aqui, encontramos de modo explícito a relação entre o ético e o estético, pureza e beleza. A disciplina do espírito, refletida no corpo. Não há espaço para a transgressão, roupa, cabelo, gestos e palavras devem testemunhar a pureza e a beleza do viver cristão.

A pureza do corpo não é só uma questão profilática é também compreendida uma questão ligada a sexualidade; manter o corpo limpo, pode ser entendido a partir da necessidade de tolher os desejos sexuais; qualquer expressão sexual antes do casamento é considerado transgressão, sujeira, pecado contra o corpo que é o “Acaso, não sabeis que vosso corpo é Templo do Espírito Santo, que está em vós [...] ” (1 Cor. 6,19a). Encontramos no *Jornal Batista* uma matéria extensa acerca dos “Problemas Morais e Sociais da Mocidade Batista”, que segundo o articulista, foi lida por ocasião do IV Acampamento da Mocidade Batista de Pernambuco.

1- Vida Sexual

O amor livre nada mais é, no cenário da vida social humana, que uma degeneração física e moral da espécie. Ele arruína a vida física, desvaloriza

a personalidade, destrói o lar, e a família e reduz o homem à categoria animal de irresponsável da espécie. Isso seria a degradação da mulher e da sociedade ao seu mais baixo nível moral e social e a morte da religião ou da vida espiritual do homem. A mulher, onde predomina o amor livre, nada vale e o seu estado social involui para o matriarcado, visto que passa a ser a única responsável pelos filhos, cujos pais são numerosos. O amor livre é a prostituição da mulher, a animalização do homem, a destruição do lar. (MUNGUBA SOBRINHO, 1954, p. 4).

É interessante observar que, nesse momento, protestantes, assim como católicos percebem o sexo com a finalidade única da procriação. Afirma-se, categoricamente, que a sexualidade só pode ser desfrutada dentro do casamento monogâmico entre um homem e uma mulher, nunca antes do casamento por pessoas solteiras, nem fora dos limites do casamento. De modo que, qualquer coisa fora desses limites torna o sexo degradante, conforme o texto supracitado. A moral católica parece dividir espaço com a moral puritana herdada dos movimentos piedosos das reformas protestantes.

O prazer sexual das mulheres cristãs deve ser sublimado; à mulher cristã cabe o sexo para procriação, o verdadeiro prazer é o da alma e não do corpo. Um exemplo disso é a reflexão da professora e articulista do *Jornal Batista* bahiano Archminia Barreto, a partir do texto de Cantares.

[...] O êxtase da vossa alegria, já passada toda amargura deste deserto, ouvireis a melodiosa voz do esposo celeste dizer-vos: Quem é esta que sobe do deserto inundando de delícias, firmada sobre seu amado? Quão formoso, e quão engraçada és. O caríssima nas delícias! A tua estatura é semelhante a uma palmeira, subirei à palmeira e colherei os seus frutos. Então lhes responderás triunfamente: as muitas águas da tribulação não poderão apagar o teu amor, nem os rios de falsas crenças afogá-lo ainda que me desse todas as riquezas de sua casa pelo teu amor, eu desprezaria como um nada. (BAPTISTA, 1924, p. 7).

Ela entende que só o encontro com o noivo celeste, poderá proporcionar a felicidade e a plenitude do prazer. De nenhuma outra forma isto seria lícito ou possível.

É impossível encontrarmos textos sobre sexualidade como estes do *Jornal Batista* e não nos lembrarmos o quanto os escritos de Agostinho e outros padres da Igreja influenciaram a sexualidade Ocidental. Conforme Agostinho (2002), “[...] nupcial e sem pecado, apenas a relação sexual necessária à procriação.”

Antes de se converter ao cristianismo, Agostinho teve várias e diferentes experiências sexuais que posteriormente ele passa a deplorar como obstáculos à elevação da alma à beatitude e comunhão com Deus. Quando, por exemplo, ele se pergunta por que o homem necessita de uma mulher, a resposta mais aceitável ao teólogo é dizer que a única *utilidade* da

mulher era a procriação, a capacidade de gerar filhos. Na perspectiva protestante, se esta não consistia na única utilidade da mulher, era então a principal finalidade.

No clássico, *A Cidade de Deus*, chega a dizer que o ato sexual é uma espécie de espasmo, no qual todo o corpo é agitado por sobressaltos horríveis e o homem perde todo o controle sobre si mesmo. Em suas palavras,

O desejo não se contenta de tomar conta do corpo inteiro, dentro e fora, sacode o homem inteiro, unindo e misturando as paixões da alma e os apetites carnis para chegar a essa volúpia, a maior de todas entre aquelas do corpo; de maneira que, no momento em que chega a seu ápice, toda acuidade e o que poderíamos chamar a vigilância do pensamento são quase aniquiladas. (AGOSTINHO, 2002, livro 14).

Sem dúvidas, Agostinho falava do orgasmo. Gregório Magno (apud CALVANI, 2002, p. 100-101), importante teólogo da Igreja antiga, ao refletir sobre o prazer sexual afirmava “[...] não basta dizer que o prazer não é meta lícita nas relações sexuais, mas quando ocorre, há transgressão das leis do matrimônio.” Desse modo, durante séculos, o cristianismo reprovou e condenou o orgasmo e o prazer sexual, importantes para o bem estar humano, como sendo algo diabólico e danoso à natureza humana.

Rubem Alves (1992, p. 184) diz que “[...] toda religião que, em nome de uma ordem espiritual, impõe sobre o corpo um regime de sistemática repressão, tende a produzir personalidades neuróticas.”

Quero dizer que neurose aqui não funciona como força de expressão, antes, é a expressão da repressão sexual orientada por um ideal de pureza que funciona como um sistema de controle para manter em ordem mulheres e homens. Percebam o que escreve o mesmo articulista sobre a dança.

2- A Dança

A dança moderna está mais do que provado, tem duplo fim: facilitar o problema social da moça no tocante ao matrimônio, pondo-a um contacto com o homem, e da expansão à sexualidade de ambos os sexos pelos contactos permanentes e prolongados durante horas. O que decorre daí não se pode dizer porque ofende o pudor. (RUBENS ALVES, 1992, p. 184).

A dança moderna pretende facilitar o problema social da moça no tocante ao matrimônio. Para este articulista estar solteira é um problema, que as mulheres pretendem resolver dançando, entenda-se “caçando marido”. O segundo fim da dança é a excitação sexual, e, o que ocorre depois não é digno de ser relatado pois ofende o pudor. Dançar é quase

sinônimo de prostitui-se. Por isso, embora lícito não convém à mulher cristã batista, cujo objetivo é manter-se pura.

Embora, o ideal de pureza pareça-nos hoje algo inerente à natureza feminina da mulher que nasce predestinada a ser mãe, filha e esposa. É bom lembrarmos que durante toda a Idade Média as mulheres eram consideradas perigosas devido à sua volúpia sexual. Servindo-se do texto de Gênesis em que Eva desobedece a Deus antes de Adão e o induz a comer do fruto proibido, era comum atribuir às mulheres o peso maior de culpa no episódio da queda. A ética cristã medieval sempre considerou as mulheres “naturalmente” maliciosas, voluptuosas e mais propensas ao sexo que os homens. Eram elas que induziam os padres à tentação e ao vício solitário.

Como nos lembra Calvani (2002, p. 102-103), só no fim do século XVIII, por força e obra do movimento puritano surgiu, na Inglaterra, a idéia de que os homens eram mais fortes em seus desejos sensuais que as mulheres. Foi construído um padrão de virtude feminina – a mulher confinada no lar, cuidando do marido e da família burguesa. As mulheres se tornaram o sustentáculo da civilização e da cultura moral; e os homens, o sustentáculo da energia, da vitalidade e da sexualidade.

Ele segue argumentando que “A consciência puritana e a sexualidade moderna [...]” (CALVANI, 2002, p. 103) constituiu-se em uma mudança radical em relação à perspectiva da Idade Média, em que dominava a idéia de que as mulheres eram mais luxuriosas do que os homens, e de que estes eram os sustentáculos da cultura e da moralidade. Na Idade Média, a mulher era uma ameaça sexual para o homem. Em torno do século XVIII, ocorreu o que ele chama a grande inversão: as mulheres foram consideradas mais puras e sem um forte impulso sexual [e isso foi constantemente incutido nelas e incentivado na educação burguesa]. Os homens, por sua vez, passaram a ser tomados como “naturalmente” superiores às mulheres devido à sua força, energia, pulsão e vigor físico e na vontade de dominar e comandar.

Quando estas são tratadas com menos respeito moral, são encaradas como estando mais sujeitas às demandas da sexualidade. No mundo medieval, geralmente, elas eram encaradas como criaturas moralmente inferiores e, portanto, mais lascivas. Os puritanos as tratavam como seres em que a moralidade e a espiritualidade se encarnavam de forma mais fortes que a sexualidade. Isso para os homens foi muito cômodo: representou para o gênero masculino a libertação de um peso: o de serem eles os responsáveis primeiros pela manutenção da ordem moral.

Embora a moral cristã protestante condene a fornicação e o adultério em homens e mulheres, na prática parecem mais tolerantes com os homens, pois eles são naturalmente inclinados para o “sexo”, enquanto que as mulheres ao fazerem o mesmo parecem estar indo de encontro a sua natureza, que não lhe propicia o desejo sexual com a mesma intensidade que aos homens, assim, ir contra a “natureza” é ir contra Deus que a criou, e por isso seu pecado se torna mais grave.

CONCLUSÃO

Percebemos, então, que o perfil da mulher que serve como norte a ser alcançado por todas que se convertem ao cristianismo, entre os batistas, é o de uma mulher que busque a pureza e deseje manter-se pura diante de Deus e da sociedade. Uma mulher que entenda a grandeza de ser uma mãe zelosa, uma filha dedicada e uma esposa fiel. Que seja virtuosa e edifique seu lar. Que entenda a grandeza de sua missão ao proporcionar ao mundo cidadãos de bem. Isso só é possível à mulher que teme a Deus. Essa mulher é também a que está apta para fazer missões e cumprir o ide de Jesus, levando seu Evangelho ao mundo.

A Mulher Batista Ideal era uniforme; seu modelo servia para todas as classes sociais e não considerava como relevante as questões étnicas. Embora ele se adequasse melhor aos valores da classe média alta, servia também às mulheres empobrecidas. Mas entre ideal e o real, encontramos todas as vicissitudes do cotidiano de mulheres que têm, em suas histórias, as marcas que tornaram possível sua existência e sua sobrevivência numa busca incessante para reconciliar corpo e espírito, no exercício de sua fé.

REFERÊNCIAS

AGOSTINHO, *Santo*. **A cidade de Deus**. Tradução Oscar Paes Lemes. 7. ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2002. cap. 16. Livro 14.

ALVES, Rubens. **Protestantismo e repressão**. São Paulo: Atica, 1992.

BÍBLIA. Português. **Bíblia de Estudo Genebra**. Tradução de João Ferreira de Almeida. São Paulo: Cultura Cristã; Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 1999.

BÍBLIA. Português. **Bíblia sagrada**. Tradução de João Ferreira de Almeida. Rio de Janeiro: Imprensa Bíblica Brasileira, 1996.

BAPTISTA BAHIANO, Salvador, p. 7, dez.1924.

CALVANI, Carlos Eduardo B. Gemidos da criação e arrepios da Teologia: sussuros éticos nos ouvidos da Igreja. **Inclusividade**, Londrina, v. 1, n. 2, p. 102-103, jul. 2002.

DEL PRIORI, Mary. (Org). **História das mulheres no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2000.

DIAS, Esther Silva. Sociedade de Moças para que? **Jornal Batista**, Salvador, p. 5, jan. 1954. Sessão da União Geral de Senhoras do Brasil, Coluna 2, 3 e 4.

DREHER, Martin N. **Teologia e ética em Lutero**. São Leopoldo: Sinodal, 1999. v. 2. (Coleção História da Igreja).

HEGEL, Friedrick. **Fenomenologia do espírito**. Petrópolis: Vozes, 2000.

LOURO, Guacira Lopes. Mulheres na sala de aula. **Contexto**, São Paulo, 2000.

MANUAL da União Feminina Missionária Batista do Brasil. Rio de Janeiro: Juerp, 1981.

MUNGUBA SOBRINHO. Problemas morais e sociais da mocidade batista. **Jornal Batista**, Salvador, p 4, 7, 20, maio, 1954. Colunas 2, 3, 4.

SAFFIOTE, Heleieth I. B. **Rearticulando gênero e classe social**. São Paulo: Rosa dos Tempos, 1992.

SILVA, Elizete da. **Cidadãos de outra pátria**: Anglicanos e Batistas na Bahia. 1995. f. Tese (Doutorado em História)-Universidade de São Paulo, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, São Paulo, 1995.

Artigo recebido em 17/10/2006 e aceito para publicação em 12/03/2007.